

REFLEXÕES SOBRE OS CORPOS, AS IDENTIDADES E AS MEMÓRIAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE TRAVESTIS E TRANSGÊNEROS EM ESPACIALIDADES ESCOLARES

Irineu Soares de Oliveira Neto ¹
João Manoel Nascimento dos Santos ²

RESUMO

A pesquisa possui por objetivo central a investigação de reflexões sobre estudos de narrativas de corpos travestis e transgêneros em espacialidades escolares e das influências socioculturais, buscando compreender por intermédio das metodologias narrativas, os processos de corporificações dos corpos travestis e transgêneros ao longo dos espaços-tempo e em seus respectivos processos de escolarizações. As metodologias narrativas, serão as bases para as compreensões reflexivas destes corpos sexuais dissidentes e de suas historicidades espaciais, materiais, imateriais e identitárias. Em termos teóricos, a proposta desta inquirição está alicerçada nos estudos sobre a história das sexualidades e das transgressões sociosexuais, exteriorizadas nos espaços escolares, apoiados pelo método (autobiográfico) como premissa analítica ante as corporeidades contrassexuais, nas Ciências Sociais e em específico, na Ciência Geográfica. Metodologicamente apontaremos para as reflexões de possibilidades narrativas e suas linguagens, mediadas pelo método de pesquisa (auto)biográfico e suas instrumentalizações metodológicas, apresentando possíveis trajetórias orais e espaciais para as investigações sociosexuais nas espacialidades escolares.

Palavras-chave: Corpos travestis e transgêneros, Espacialidades escolares, Metodologias Narrativas, Método (auto)biográfico, Ciência Geográfica.

ABSTRACT

The main objective of this research is to investigate reflections on studies of narratives of transvestite and transgender bodies in school spaces and sociocultural influences, seeking to understand, through narrative methodologies, the processes of embodiment of transvestite and transgender bodies throughout space-time and in their respective schooling processes. Narrative methodologies will be the basis for reflective understandings of these dissident sexual bodies and their spatial, material, immaterial and identity historicities. In theoretical terms, the proposal of this inquiry is based on studies on the history of sexualities and sociosexual transgressions, externalized in school spaces, supported by the (autobiographical) method as an analytical premise before contrasexual corporealities, in Social Sciences and specifically, in Geographic Science. Methodologically, we will point to reflections on narrative possibilities and their languages, mediated by the (auto)biographical research method and its methodological instrumentalizations, presenting possible oral and spatial trajectories for sociosexual investigations in school spatialities.

¹ Doutorando do Curso de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS, irigeon@gmail.com;

² Doutorando do Curso de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS, joaomanoel75@gmail.com.

Keywords: Transvestite and transgender bodies, School spatialities, Narrative methodologies, (auto)biographical method, Geographical Science.

INTRODUÇÃO

Este artigo de cunho reflexivo está fundamentado na perspectiva de possíveis investigações que utilizem o método (auto)biográfico, como suporte para as compreensões das narrativas dos corpos travestis e transgêneros em espacialidades escolares, utilizando-se das metodologias narrativas e suas linguagens, como bases investigativas.

Os agrupamentos sociais presentes em pesquisas socioculturais, são significativos *locus* para as investigações ante as Ciências Sociais e em específico na Ciência Geográfica. Desta forma, podemos compreender as culturalidades sociais como manifestações múltiplas, singulares ante as hipotéticas constituições que as configuram, estabelecendo examinações relevantes ante aos estudos sobre as sociedades e suas interligações culturais e sociosexuais.

Teoricamente, as investigações acerca das manifestações culturais ganharam espaços ante as pesquisas sobre a sociedade. Devemos compreender estas ligações e interligações societárias como elementos primários das *práxis* instrutivas do estado humano.

A valorização da liberdade dos corpos e de suas criatividade, em oposição aos constructos que estabelecem genericamente as normatizações e os adestramentos dos agentes e gerenciamentos societários, promovem as estruturações e formalizações de culturas libertadoras, que distinguem os corpos ante as sociedades modernas. Para Bauman (2012), a cultura social, e neste caso: corpóreo, deve ser percebida como uma prática libertadora, díspares dos controles, autogerenciamentos, opressões e alienações previstas e presentes nas sociedades ocidentais contemporâneas.

Segundo a obra: “*Ensaio sobre o Conceito de Cultura*”, descrito por Bauman (2012), o referido apresenta os seus ensaios, evidenciado que a cultura humana está representada em três partes/ estágios, compreendo as culturalidades humanas enquanto formas, estabelecidas e consolidadas conforme as normatizações previstas pelas modernizações sociais ao longo do espaço-tempo, como a saber: I- a cultura enquanto “conceito hierárquico”, II- a cultura como “conceitualização diferencial” e III- a cultura como “conceito genérico”.

Buscando considerações plausíveis, podemos entender que esta hipotética investigação acadêmica/ científica, também convergem com os ensaios de Bauman (2012),

principalmente no que tange à segunda parte/ estágio, que trata da cultura enquanto conceitualização diferencial. Diante deste pressuposto, o autor descreve:

[...] O conceito diferencial desenvolve a ideia de que a cultura é responsável pelos diferentes destinos dos povos, aliando-se, nessa formação, questões de raça, ambientais e econômicas; a questão do sobrenatural oriundo da providência divina que interfere na formação cultural é posta de lado. Apesar de a cultura ser colocada como o principal diferencial da condição humana, fortalece a crença de que o trabalho intelectual pode contribuir expressivamente para os esforços de socialização e engrandecimento de qualquer grupo social; ocorre o fim do elemento único que define a cultura. Embora a cultura seja vista de forma mais ampla no conceito diferencial, ainda se limita à comunidade estudada, a um sistema de coesão interno, não desenvolvendo ferramentas para compreensão das causas de possíveis transformações ou “desvios” internos da ordem. (Bauman, 2012, p. 426-427).

O conceito diferencial, defende a ideia da construção da cultura humana através do trabalho intelectual, ou seja, a cultura pode ser entendida como um produto construído ou em constante formação, alinhado a valorização das diversidades sociais, que neste caso, oportuniza a compreensão da “formação” dos corpos sexuais dissemelhantes nas espacialidades escolares.

Pensar o corpo sexual dissemelhante como produto da cultura de uma sociedade é desafiador, como também uma necessidade, pois estas estruturas corporificadas configuram-se, como descrito por Bauman (2012), através de construções intelectuais que não se articulam em singularidades ou vericidades únicas e/ou simplificadas, mas que se manifestam em suas múltiplas formas culturais, sendo continuamente expressadas no espaço-tempo.

O corpo enquanto cultura é uma construção contínua, predita por normalizações e normatizações presentes nas espacialidades sociais. Diante desta perspectiva, pensar sobre o mesmo enquanto produto instrutivo é uma emergência, diante das diversidades e desigualdades sociais na atualidade. Acerca desta concepção Louro *et al* (2013) intenciona o corpo enquanto cultura, como:

Pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura é, simultaneamente, um desafio e uma necessidade. Um desafio porque rompe, de certa forma, com o olhar naturalista sobre o qual muitas vezes o corpo é observado, explicado, classificado e tratado. Uma necessidade porque ao desnaturalizá-lo revela, sobretudo, que o corpo é histórico. Isto é, mas de que um dado natural cuja materialidade nos presentifica no mundo, o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais étnicos, etc [...] (Louro *et al* 2013, p. 30).

O corpo produz e reproduz espacialidades, modifica-se e é simultaneamente modificado, está presente em todas as intervenções presentes no meio/espço e oportuniza inúmeras possibilidades investigativas. Cogitar o corpo e suas interações com o espaço, é uma referência e/ou paradigma que norteia este artigo. As historicidades e as memórias dos corpos travestis e transgêneros nas espacialidades escolares, como também as suas contribuições são as bases reflexivas desta produção.

Estas reflexões teóricas e metodológicas, tem por objetivo centralizador, compreender como as espacialidades escolares contrubuíram positivamente ou negativamente nas constituições e/ ou mediações das identidades e dos corpos travestis e transgêneros nos espaços geograficos, apoiando-se nas metodologias narrativas e em específico no método (auto)biográfico, como viéses para estas hipotéticas colaborações e corporificações.

Este ensaio, busca investigar, as mediações das narrativas biográficas de travestis e transgêneros, através de suas experiências e vivências nas espacialidades escolares, como arquétipos das indentidades sociais, culturais e sexuais, em suas identidades, como também, em seus respectivos processos de escolarizações.

Desta forma, abordaremos o método (auto)biográfico e as narrativas como instrumentos para as compreensões sociossexuais nas espacialidades escolares, como também de suas contribuições nas estruturas corpóreas.

Buscaremos intentar nas contribuições desta parcela da sociedade como possibilidades investigativas, apontando a Ciência Geográfica como um campo de análise e pesquisa neste arcabouço sociocultural e científico.

A Geografia das Sexualidades, serão os suportes para os aportes teóricos pretendidos para estas reflexões, como também, os acessos para as averiguações das subjetividades dos corpos sexuais desviantes no Espaço Geográfico.

A importância das averiguações pós-críticas na Ciência Geográfica e em particular na Educação Geográfica e no Ensino de Geografia, que consideram os corpos sexuais dissemelhantes, são urgências sociais e científicas a serem acompanhadas pelos estudos acadêmicos, tendo as mesmas, como espacialidades consolidadas em parâmetros heteronormativos, sexistas e LGBTfóbicos.

METODOLOGIA

Os seres humanos não têm uma relação direta, transparente, com o vivido e o desenrolar de sua vida, essa relação é construída e mediatizada pela cultura e adota a forma de representações, esquemas, modelos, programas biográficos transmitidos pelas instituições, organizações coletivas, grupos sociais. É também o que diz a etimologia da palavra biografia, literalmente, escrita da vida: as culturas e sociedades transmitem e impõem, até certo ponto, escritas da vida, e os indivíduos escrevem – biografam – seus próprios percursos de vida no contexto dessas trajetórias modelizantes e programáticas.

A pesquisa sob a ótica pós-crítica, requer critérios que possam fundamentar os sujeitos e os resultados que se pretendem investigar. As subjetividades dos corpos, surgem como uma emergência ante as análises e as interpretações das interações socioespaciais na contemporaneidade.

Com essas contingências, as construções de ferramentas capazes de difundir o método adotado, como uma possibilidade científica, propiciam a responder as causas fenomenológicas que contribuam para a compreensões das historicidades, vivências e experiências dos corpos sociosexuais travestis e transexuais nas espacialidades escolares.

Deste modo, o método de pesquisa (auto)biográfico, convergente às pesquisas sobre as espacialidades e os corpos, oportunizam produções epistemológicas e científicas ante a problematização das sexualidades desviantes ante a heteroforma.

Estas identidades sexuais, encontram nas espacialidades escolares possíveis, elementos outros, que cooperaram positamente ou negativamente nas suas identidades, como também, nas suas transformações internas e externas ao corpo. Diante da relevância das espacialidades escolares ante ao desenvolvimento e as transformações sociais e espaciais, Josso (2007) discorre:

Os lugares educativos, sejam eles orientados para uma perspectiva de desenvolvimento pessoal, cultural, de desenvolvimento de competências sociais ou ainda para uma perspectiva de formação profissional, acolhem pessoas cujas expectativas e motivações a respeito da formação e dos diplomas referem-se, tanto a problemáticas de posicionamento na sua vida quotidiana e na sua ação em nossas sociedades em plena mutação, como às questões e problemáticas ligadas à compreensão da natureza dessas próprias mutações (Josso, 2007, p. 414).

Segundo a autora, os lugares educativos contribuem a certo modo, para o desenvolvimento pessoal, cultural e intelectual dos sujeitos, delineando tessituras possíveis para as composições corpóreas.

As histórias de vida e suas bagagens, carregam importantes elementos para a

compreensão dos espaços sociais e geográficos. As interações que essas trajetórias oportunizam, contribuem para os estudos narrativos, como também, para as pesquisas (auto)biográficas.

O método (auto)biográfico: conceitos e análises sob a ótica pós-crítica.

Ao definirmos o corpo e suas múltiplas faces ante as linguagens presentes na formação da vida social, podemos condizir este *lócus*, como uma centralidade ante as teorias pós-críticas. Pesquisas sobre o homoerotismo e a sociedade, desenvolvem produções epistemológicas e metodológicas ante as Ciências Sociais, colaborando em pesquisas que auxiliem nas circulações de informações acerca dos processos de corporificações socioculturais.

As múltiplas e variadas (inter)relações sociais, culturais e sexuais, estão emaranhadas e fundidas dentro de infidáveis discursos, aos quais apresentam-se como registros reais, acerca das formações dos corpos e suas sexualidades. Os processos que atribuem pesquisas sobre a ação do corpo *versus* sexualidade, são fenômenos pouco explorados pela Ciência Geográfica, principalmente quando investigada sob perspectiva social e cultural homoerótica.

Para as investigações sobre os corpos sexuais dissemelhantes, a respeito de suas existências, transformações e permanências, são necessárias apresentá-las e representá-las sob a ótica pós-crítica, utilizando as linguagens narrativas dos sujeitos, como representatividades de possibilidades analíticas.

Diante desta questão, as narrativas tornam-se as representações mediativas e pragmáticas para as significações dos corpos/ sujeitos. A suas linguagens tornam-se o campo das significações, mesmo que sentidas e observadas diante do empirismo ou dos discursos das subjetivações.

A linguagem narrativa e as (auto)biografias (no arcabouço pós-crítico), anunciam e descrevem os processos de criações dos sujeitos, das suas múltiplas formas e das possibilidades de transformações: “contínuas”, “flúidas” e “abertas”. A narração (auto)biográfica, passa a ser o meio criativo para a produção dos sentidos, das verdades e das inverdades sobre os sujeitos. Não avalia ou critica, posiciona o sujeito em seu discurso e o representa em sua(s) realidade(s). Diante deste pressuposto e da relevância das pesquisas

(auto)biográficas, Abrahão (2004) descreve: “a pesquisa (auto)biográfica é uma forma de história autoreferente, portanto plena de significado, em que o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais” (Abrahão, 2004, p.202).

Falar sobre si, forja e sistematiza o ser e o lugar do sujeito. O constitui, contrói e o reconstói “peça por peça”, tendo as suas “verdades” e descrições, como multiplicidades para os saberes sobre os corpos e suas identidades. O sujeito é formado para e pelo discurso, dando legitimidade aos processos de significações e posições (Díaz, 1998).

Os corpos, ao descrevê-los e explicá-los como são, disponibilizam saberes múltiplos, tornando os seus existencialismos e constituições corporais, como formas para a justificações e legitimações das subjetivações.

A subjetividade como um produto particular, embora tortuoso e inacabado, oportuniza a apresentação do sujeito como um cerne particular, apresentando-o e o representando-o como “produtos” em constante transformação, ante as apreciações sobre as conformidades corpóreas. Desta forma, segundo Maknamara (2022b): “um sujeito de determinado tipo, é capaz de relacionar-se consigo a partir de posições específicas” (Maknamara, 2022, p. 177). dando significado às análises dos modos de subjetivações e posições, ante aos seus discursos e práticas sobre o meio e/ou espacialidades.

Isso significa que, ao analisar os processos de subjetivações corpóreas, requeremos compreender as posições dos sujeitos e dos seus discursos, sob as análises das diferentes faces discursivas, sendo estas compreendidas como significantes (Díaz, 1998). Portanto, questões para as análises (auto)biográficas.

As análises pós-críticas que envolvem a educação e as espacialidades escolares como contribuintes para as formações e expressões corpóreas, legitimam o caráter nominalista e narrativo das pesquisas (auto)biográficas, evidenciando o discurso, como um processo para além do ato narrativo.

As (auto)biografias, apresentam os sujeitos e suas performatividades, dando também a memória, os vieses para a formulações, materializações e significações de corpos e espacialidades.

Ao falar sobre si, ou sobre suas memórias, os sujeitos acionam e são acionados pelos discursos, assumindo suas posições e conformidades sobre o espaço. Os fatos vividos e as

experiências espaciais, retratam as definições das realidades e daquilo que são verdadeiros e que se materializam sobre os espaços. Segundo Peres (2009): “A memória como eco do passado pode recriar imagens mentais, cogitando novos caminhos e soluções para os problemas cotidianos” (Peres, 2009, p. 105).

Acerca das narrativas na perspectiva pós-crítica, com o uso do método (auto)biográfico, Maknamara (2024) retrata:

Em perspectiva pós-crítica, um relato não é somente uma estrutura linguística organizada que decalca a realidade. Narrativas constituem acervos de verdades sobre as coisas e pessoas do mundo, fazem mais que simplesmente modelar a mente humana porque seriam fontes de percepção do mundo. Se narrativas constituem acervos com que alguém compreende seu mundo e o de outrem, é porque narrativas regulam o que cada um/uma pode ver/dizer e pensar sobre as coisas do mundo e sobre si mesmo. Narrativas são mais que uma matriz de equiparação/comparação de indivíduos em relação, uma narrativa faz mais que ajudar alguém a expressar as coisas do mundo ou mesmo transformar a percepção de outrem sobre essas mesmas coisas. Assim, uma narrativa (auto)biográfica constitui a versão de uma vida não porquê um ato interpretativo, mas porque narrar é criar [...] (Maknamara, 2024, p. 4)

Neste contexto e diante dos aportes teóricos, prevemos o método (auto)biográfico e as narrativas biográficas como possibilidades para os estudos e pesquisas sobre os corpos travestis e transgêneros nos espaços escolares. Pois, ao identificar os discursos e suas narrativas ante ao método, no sentido de apontar os discursos que emergirão como elementos da ação e do poder sobre os corpos e espacialidades, tenderemos a estabelecer as relações que tencionam estas narrativas, estabelecendo entre si, processos de subjetivações e espacializações.

Desta forma a análise genealógica, presente nas relações de poder descritas por Foucault, na obra: “Microfísica do Poder”, evidenciará as conexões entre os saberes corpóreos e suas transformações e o poder das espacialidades sobre estas estruturas identitárias dissemelhantes, cabendo a análise das narrativas biográficas, como uma fonte das relações históricas, cotidianidades, transformações internas e externas ao “eu”, como também, nas possíveis articulações causadas por estes impactos corporais, sociais, culturais, políticos, administrativos no espaço e presente nas memórias das corporeidades contrassexuais.

Os usos dos conceitos da autoformação, da heteroformação e da ecoformação nas pesquisa (auto)biográficas.

Esta pesquisa reflexiva, apontará (como suporte metodológico) para os conceitos da teoria tripolar de Pineau (1988), onde são possíveis analisar, através dos seus procedimentos metodológicos, a autoformação (o eu), a heteroformação (os outros) e a ecoformação (o ambiente), como elaborações construtivas dos corpos e suas identidades sexuais dissemelhantes, por meio dos discursos narrativos. Desta forma apresentaremos estas instrumentalizações metodológicas, como:

- **Autoformação:** também denominada como personalização, a autoformação é uma dimensão do encontro e reencontro reflexivo das questões que envolvem a trajetória e a história de vida de um sujeito. Está voltado para os atravessamentos dos percursos pretéritos de uma identidade, transladados pelas memórias internas da mesma aos quais partem das interioridades corpóreas como significâncias de consciência sobre si mesmo e sobre as suas necessidades e desejos.

Nas performatividades autoformativas, os indivíduos assumem os seus próprios processos de formação, tendo a capacidade de se autoeducar, de maneira constante, fluída, responsável e autônoma. Segundo Bragança (2011), os educadores e pesquisadores franceses, Gaston Pineau e Marie- Michèle, utilizam a metáfora do “dia e da noite” para refletir sobre a autoformação: “processo individual e subjetivo – noturno”, tendo como contraponto a heteroformação, “processo institucionalizado e formal – diurno”. Desta forma, Pineau e Michèle (1983), descrevem:

Notre culture s’est développée selon le régime diurne, régime du clair, du séparé, du distinct. Que la lumière disparaisse et cette culture s’évanouit. La nuit, les experts dorment, l’éducation aussi; les écoles sont fermées (Pineau; Michèle, 1983, p. 15)

O noturno, surge como uma possibilidade de afloramento de um espaço-tempo, tendo como contrapartida a autoformação, a formação oficial, o aclame ao desenvolvimentos dos “autos”, que se manifesta pelo trabalho árduo tomada da vida em mãos, significando o sentido do existencialismo.

- **Heteroformação:** também denominada como socialização, é o processo pela qual o indivíduo estabelece com os seus pares, com os outros, da influência socializante das culturas corpóreas, como também da socialização dos saberes. Deste modo Pineau e

Michèle (1983), relatam:

Ainsi le pôle hétéroformation se caractérise de façon pure par le pouvoir prépondérant d'un formateur "responsable" qui impose les objets, objectifs et moyens de formation; le formé n'ayant qu'un rôle d'assimilation. Le pôle d'autoformation à l'autre extrémité représente la situation où le pouvoir est au sujet qui se forme selon des objectifs, objets et moyens non imposés par un autre; l'autre ou les autres n'étant présents que comme réalités influentes à accommoder (Pineau; Michèle, 1983, p. 45).

O outro, passa a compor os processos de aprendizagens e subjetividades dos corpos, as intersecções pessoais, corporais e culturais, ganham notoriedade, passam a desenvolver-se coletivamente, colaborando para as formações socioespaciais. As culturalidades mútuas são as bases formativas e intuitivas da heteroformação, pautando no trabalho coletivo, como produto de significações e espacialidades.

- Ecoformação: também denominada como ecologia da formação, tem por base as interações dos corpos com o meio, das culturas provenientes das espacialidades, das mutualidades entre estes elementos, como também dos processos colaborativos entre sujeito(s) e espacialidades sociais, sendo este último, o produto das intervenções humanas na natureza. Sobre o processo da ecoformação, Silva (2008) retrata: "a ecoformação pode ser definida como a formação recebida e construída na origem das relações diretas com o ambiente material: os não humanos, os elementos, a matéria, as coisas, a paisagem" (Silva, 2008, p. 97).

Neste contraponto conceitual, as dimensões das formações espaciais, são constituídas por meio das relações materiais, daquilo que não é humano, dos elementos da paisagem, das influências do meio sobre os corpos.

Segundo Delory- Momberger (2011), os seres humanos não têm uma relação direta, transparente, com o vivido e o desenrolar de sua vida, essa relação é construída e mediatizada pela cultura e adota a forma de representações, esquemas, modelos, programas biográficos transmitidos pelas instituições, organizações coletivas, grupos sociais. É também o que diz a etimologia da palavra biografia, literalmente, escrita da vida. As culturas e sociedades transmitem e impõem, até certo ponto, escritas da vida, e os indivíduos escrevem – biografam – seus próprios percursos de vida no contexto dessas trajetórias modelizantes e programáticas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Partir deste corpo introdutório, onde apresentamos o problema da pesquisa, a justificativa e os objetivos, desenvolveremos alguns aportes teóricos que sustentem as investigações ante ao tema em questão. Para isso desenvolvemos eixos, que descrevem as discursões e as referências utilizadas para a composição desta pesquisa reflexiva.

Reflexões sobre homoerotismo escolar e as constituições das espacialidades escolares no Brasil.

A história da educação brasileira (iniciada, sobretudo no século XIX) está desde a sua gênese e nas formações territoriais, sociais e culturais do país, alicerçada no tradicionalismo régeio heteronormativo, subsistindo por várias adequações e transformações heterofórmicas, ao longo dos interínos que cumpunham esses espaços- tempo e que se propagaram constantemente na infausta atualidade.

Os espaços de escolarizações, diligentemente passaram a intervir nas vivências dos indivíduos, aplicando sobre os mesmos, normatizações, culturalidades e condutas que justapusessem as manifestações socioculturais e sexuais dos corpos.

Com intuito modelador e controlador acerca destas quotas-partes e através de simbolismos pelas quais as distinguem, ante a heteronormatividade e a outros segmentos inerentemente humanos, os corpos sexuais desviantes em processo de escolarização, “aluíram à heteroforma”, como parâmetro aceitável, provido pela padronização cartesiana comportamental, cultural, social e sexual das identidades sociossexuais das sociedades contemporâneas ocidentais.

As aptidões exercidas pelas espacialidades escolares, além de superintenderem e/ou mediar os procesos de ensino-aprendizagem, introduziram e introduzem nas cotidianidades dos indivíduos, afirmações mecanicistas (empiristas) e idealista (racionalistas), incorporadas por “adestramentos” comportamentais que influenciam em construções de espaços sociais, culturais, políticos e geográficos não harmônicos (Lopes; Fernandes, 2018).

Nessa concepção, as características sexuais individuais são também “determinadas por fatores externos ao indivíduo”. Desta forma, as identidades sexuais, até então inatas em suas corporeidades, procedem nem das formas únicas dos sujeitos, nem de uma ampla programação inata pré-formada nos sujeitos, estão também corporificadas nas relações sociais e nas vivências contraditórias, resultantes das correspondências entre os indivíduos e suas

internalidades, como também dos saberes adquiridos por suas experiências externas, oriundas das interações socioespaciais (Silva, 2017).

Os espaços de escolarização no Brasil, como instituições políticas dos aparelhos ideológicos do Estado, emergiram pedagogicamente das entidades eclesiásticas (Althusser, 1985), como bases para as implantações e ampliações dos processos de escolarizações no país.

Neste contexto, a igreja, foi o alicerce para a construção e constituição do ensino formal no território nacional, detendo desde o século XIX, a “gerência” do processo ensino-aprendizagem, como também, do papéis de vigilâncias e punições, no tocante aos comportamentos e condutas sociosexuais dos sujeitos, vistas, fora do cânone heteronormativo, como atos inadequados e subversivos ante a sociedade dominante (Foucault, 1997).

Nesse ínterim, além das incumbências definidoras da igreja sobre a conduta moral e sexual dos sujeitos, outros decoros foram paulatinamente absorvidos pela sociedade brasileira. Vislumbrada com os engessamentos sociais promovidas pela igreja e pelas elites locais e estrangeiras.

A nação passou a ser controlada, promovendo “alinhamentos” nas vivências dos indivíduos, como também em seus processos de corporificações sexuais, suscitando “garantias da moralidade sexual”, vis-à-vis, ao regime da heteroforma e ao desmanche das vivências e identidades dissemelhantes (Britzman, 1996).

A heteronormatividade, como padrão sociocultural, único e imutável, de perpetuação da tradicionalidade da família judaico-cristã e dos papéis de masculinidades e feminilidades, difundiram padrões do preconceito e de violência clerical e social, diante dos corpos e das identidades que se negavam ao submetimento destas padronizações unilaterais, presentes na sociedade brasileira.

De forma inegável, podemos ignorar o encargo da igreja nesse processo. Para ela, os desejos e discursos sexuais nunca foram papéis dos autogerenciamentos dos sujeitos, essas ações deveriam ser conduzidas hierarquicamente, tendo a última como condutora central, enclausurando o pensar e o agir das sociedades ante as organizações sociossexuais, porém presentes ante aos discursos conservadores (Hooks, 2021); (Foucault, 2024). As espacialidades escolares, detêm poderes estratégicos nessas submissões e subversões sexuais (Butler, 2017).

Na obra: “Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870- 1980)”, os autores, James Naylor Green e Ronald Polito, descrevem pontualmente as “subversivas e pervertidas” condutas, no tocante à sexualidade/ homossexualidade masculina escolar, no Brasil Império (século XIX), cometidas por algumas instituições de ensino formal

e seus catedráticos. Sobre as condutas sociosexuais nestas espacialidades escolares, considerando os comportamento dos formadores, os autores detalham:

Em diversos momentos da história, colégios e internatos foram vistos como lugares onde proliferaria a “perversão” sexual, tanto de meninos quanto de meninas, cabendo aos professores, inclusive o papel de corruptor. Há romances celebres sobre o tema, afora inúmeros documentos de diversas partes do mundo. No Brasil Império, essa discursão também se fez presente, tanto entre professores, médicos e escritores [...] (Green; Polito, 2006, p.34).

Esses autores, ainda retratam na referida obra, o trecho do livro: “Da prostituição em geral e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro: profilaxia da sífilis” , descrito pelo médico Francisco Ferraz de Macedo, em 1872, ao qual apresentam:

Os internatos, salvo honrosas exceções, são verdadeiros focos de onanistas, sodomitas ativos e passivos. Este vício pernicioso é provocado, não pela índole dos colegiais, mas grandemente pela prisão a que obrigam os rapazes de idade viril; pois que são impossibilitados de transpor os estatutos regulamentares dos colégios que proíbem a saída, entregam-se ao onanismo, ou pervertem os colegas subalternos e mesmo menores, a fim de praticarem atos tais. Não poucos são também os professores de costumes depravados que, abusando de sua autoridade, instigam os alunos ao cometimento da infame sodomia. Estas crianças cedem ora com medo do castigo com que as ameaçam, ora ao contrário pelo prometimento de prêmios. (Macedo, 1872 apud Green; Polito, 2006, p. 34).

Vale salientar que tais trechos históricos e literários são registros específicos, que descrevem sobre a conduta de algumas instituições e corpos catedráticos, que detentores da administração educativa cometiam tais corrupções, desprezando suas próprias primícias e opondo-as aos “valores e dogmas” da civilização ocidental judaico-cristã e clériga, tendo-as como mecanismo de controle corpóreo e percebendo-as, como: “a perpetuação moral, social, cultural e sexual previstas pela heteroforma eclesiástica”. Sobre a perversão sexual na infância, na prerrogativa de uma iniciação sexual precoce, Mott (1989) expõe:

Ao considerarmos os corpos em seus respectivos processos de educação, prevendo-as como seres inocentes e indefesos, “aproximá-la” dos prazeres eróticos equivaleria a profanar sua própria natureza, a dessexualização dos corpos na infância e adolescência, impõem-se como um valor humano fundamental da civilização judaico-cristã (Mott, 1989, p.33)

Consideramos que os discursos sobre as sexualidades dos corpos, sempre estiveram presentes nas cotidianidades dessas espacialidades, porém formatizadas por linguagens consoantes ao conservadorismo, aplicando poderes e saberes contidos dentro das culturas

sexuais binárias, ou seja, dentro dos paradigmas das masculinidades e feminilidades, falar sobre o sexo, não foi/ é uma proibição, pelo contrário, faz parte dos discursos de controle e subjugamentos das sociedades, que contrárias as performatividades sexuais outras, difundiram seus parâmetros de vigilâncias, como também de punições.

A linguagem passa a ocupar um papel fundamental no adestramento dos corpos, das condutas e das manifestações socioculturais e sexuais dos corpos, principalmente para aqueles percebidos como desviantes.

Ao refletirmos sobre as espacialidades escolares, como um resultado de inter-relações sociais e históricas, circuitos das multiplicidades em constantes transformações, Massey (2008) rememora a possibilidade das materializações das relações e vivências múltiplas nas espacialidades escolares, compreendendo-as como espacialidades de exclusões, passíveis de normatizações presentes nas sociedades ocidentais, porém, vista, percebida e sentida em contextos holísticos.

Os estudos e as investigações sobre as sexualidades múltiplas: uma necessidade emergente para a Ciência Geográfica.

Com base nas análises de Silva (2010), podemos definir que os estudos culturais presentes nas Ciências Sociais e em específico na Ciência Geográfica, percebe as espacialidades escolares como ambientes de práticas pedagógicas e de promoção de saberes, reproduzindo discursos e identidades engessados ao modelo tradicional social.

A Geografia, como área do conhecimento nas várias esferas que compõem a educação no Brasil, possui uma significativa parcela de defasagem antes aos discursos sobre as sexualidades. Os conteúdos, estudos e discursos, dos papéis das identidades, dos corpos e das sexualidades dissemelhantes como potencialidades para o estudo e pesquisa na educação e na Ciência Geográfica, não são disseminadas, discutidas e analisadas nos espaços de escolarizações (Silva; Ornat, 2016).

Na contemporaneidade, as transmissões morosas sobre os discursos corpóreos, sexuais e de identidades dissemelhantes na Ciência Geográfica, permanecem cercadas pelo tradicionalismo sexual, focalizados pelas interações sociais e culturais oriundos dos processos de masculinidades e feminilidades

Mesmo enfatizando à vertente *queer* (Silva, 2017), que discorre sobre os discursos lineares ante as temáticas “sexuais naturais”, a Educação (e em particular, a Educação Geográfica e/ ou o Ensino de Geografia), subsistem em dimensionar a sexualidade na sua forma primária, ou seja, meramente biológica (Foulcault, 2024).

Diante do tradicionalismo analítico e investigativo geográfico, as corporeidades espaciais, passaram a ganhar notoriedades, principalmente na Educação Geográfica, redirecionando os estudos geográficos para vertentes *queers*. O movimento filosófico pós-estruturalista, aquistou neste vertente campo, possibilidades perscrutivas ante as manifestações homossexuais dos corpos, estabelecendo estudos e análises singulares, ininterruptas e múltiplas diante das compreensões das estruturas sociais, culturais e sexuais das identidades humanas.

Através da compreensão histórica e das composições das vivências, experiências e culturalidades homossexuais nas espacialidades escolares, que as linguagens e performatividades das identidades corpóreas e suas múltiplas organizações e manifestações passaram a ser percebidas pela Geografia, nos ambientes de ensino formal (Callai, 2009). Os espaços vividos, as identidades e os arranjos corpóreos são fundamentais para as formações e estruturações espaciais (Frémont, 1970; Claval, 2003).

As identidades sexuais dissemelhantes, como a de travestis e transgêneros e seus existencialismos nessas composições espaciais de ensino, que se asseguravam anteriormente, em subjetividades simplificadas conformadas com as necessidades dos sujeitos e objetivadas do ponto de vista cultural heterofórmica, estão aos poucos, adentrando ao colapso. Mudanças críticas decorrentes e provenientes dos espaços de escolarizações e demais estruturações sociais, passaram a articular provisórias, problemáticas e variáveis investigações sobre as identidades culturais múltiplas (Hall, 2007).

A fluidez dos mecanismos de vivências e experiências alteraram as estruturas sociais tradicionais, transformando-as em espacialidades da dissemelhança. Estas conversões alteraram as visões sobre os sujeito unitários (sociológicos), manipulado por sujeitos múltiplos (pós-modernos), capazes de mutualizar-se com outras e demais identidades culturais e sexuais, permitindo constantes, conscientes e inconscientes transformações morais, sociais e políticas. De acordo com o descrito, Hall (2015) pormenoriza:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizando como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”; formada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (Hall, 2015, p. 12).

Uma das inverdades transmitidas nas espacialidades escolares ao longo de sua história, é a ideia de que as identidades sexuais dos corpos de nada entendiam/ entendem sobre

a sexualidade. As antigas propostas normativas escolares se configuram em tentativas de “manutenções” das inocências conscientes e inconscientes dos corpos (Oliveira Neto, 2019).

No entanto, estes mesmos sujeitos sempre experimentaram novas formas de prazer e desejo (ou *ars erótica*), tanto em seu interior (em seu “eu”) como exteriormente, nos ambientes aos quais estão entremetidos (Foucault, 1998). Os mesmos, convivem, influenciam e se influenciam com diversos indivíduos, mantêm interações com os lugares e com as identidades outras, vivenciam e transformam as espacialidades, apresentando novas ideologias sociais, sexuais e de gênero.

Devido à relevância dos discursos sobre corpo, gênero e sexualidade nos espaços de escolarização, na atual situação democrática brasileira e em meio aos múltiplos currículos e normatizações que as regem, que se podem refletir sobre as espacializações corpóreas múltiplas, nas espacialidades escolares e sobre a percepção geográfica sobre estes fenômenos.

Cotidianamente, representações de políticas de identidades, de gênero e/ou de sexo se interseccionam nas espacialidades escolares e estimulam, mesmo que antagonicamente, nas relações entre os sujeitos. As manifestações que ocorrem nestas espacializações são muitas vezes definidas a partir do ponto de vista das características expressas pelos mesmos e pelas características expressas pelas diferenças (Colling, 2011).

Entender o corpo e as identidades e suas multiplicidades culturais e sexuais como componentes marcantes para as análises e pesquisas nas espacialidades escolares e sociais no Brasil, são ações relevantes ante aos levantes conservadores presentes na política e nos regimentos que condicionam estes elementos, nestes espaços de interações. Diante das diferenças presentes nas identidades e nos espaços escolares, Borges (2018) descreve:

A escola é, geralmente, o primeiro espaço de convivência, onde as crianças e os jovens se deparam com os diferentes de si e de suas famílias. É na escola que muitos se dão conta que estão com “a cabeça ou pés para fora” da sociedade, se dão conta que durante a escolarização, terão de se “esticar” na cama/ escola, que produz e reproduz uma sociedade onde a regra é adequar, homogeneizar e normatizar (Borges, 2018, p.37).

A Geografia e em particular a Educação Geográfica devem se aprofundar nessas perspectivas, buscando provocar novas investigações socioculturais, percebendo os corpos, as sexualidade dissemelhantes e os espaço vividos como possibilidades analíticas importantes, oportunizando novos olhares sobre as sociedades e suas espacialidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos e pesquisas sobre os corpos sexuais dissemelhantes, devem ganhar espaços dentro das discursões socioculturais presentes na Ciência Geográfica, oportunizando novas e relevantes pesquisas sobre as múltiplas composições sociais e sexuais presentes nas sociedades contemporâneas.

Desta forma, oportunizamos discursos primários acerca das espacialidades escolares e suas completudes culturais, focalizando nos corpos travestis e transgêneros como fontes analíticas, frente a inovadores métodos investigativos e interpretativos, como é o caso do método (auto)biográfico, além das metodologias narrativas, presentes neste ensaio.

Tenderemos a oportunizar as vozes que são sumariamente silenciadas na sociedade, principalmente nos aparelhos ideológicos de poder, como descrito e em particular, nas espacialidades escolares. Estas espacializações estão repletas de guetos culturais, sendo as mesmas, responsáveis pelas formulações espaciais, como também, nas dinâmicas políticas e educacionais aplicadas às mesmas.

Historicamente, a Sexualidade, enquanto temática no ensino formal, e na trajetória escolar brasileira e ocidenta, sempre esteve presente nas pautas, regras, legislações e políticas educacionais voltadas para os controles dos corpos, promovendo a consolidação e a padronização da heteronormatividade, parâmetro único e imutável ante a sociedade.

Ao prevermos os corpos sexuais dissidentes, como *lócus* de pesquisa na Educação, prevemos as inclusões das estruturações sociais e culturais marginais, presentes nas identidades dos corpos, como também, das espacialidades escolares, como fontes para investigações nos vários campos que compõem a Ciência Geográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo reflexivo tem o intuito oportunizar espaços de vozes, através de ponderações humanísticas, ressaltando as relevâncias dos corpos sexuais dissemelhantes, ante aos seus procesos de escolarizações, como também das produções materiais e imateriais do espaço geográfico sobre seus corpos e identidades.

Abordamos as Geografias das Sexualidades, como possibilidades para as implantações teóricas e possibilidades metodológicas, afim de humanizar o proceso investigativo, valorizando os corpos travestis e transgêneros participantes, como trajetórias corpóreas importantes, antes as conformidades espaciais escolares.

Tendemos a ampliar os discursos acerca das Geografias das Sexualidades, exaltando através das narrativas e do método (auto)biográfico como fontes para estas

performatizações.

A Ciência Geográfica, apresenta-se ao longo de sua história enquanto ciência, alicerçada e cristalizadas pela heteroforma, compostas (por uma maioria) por corpos, brancos, héteros, sexistas, maxistas e LGBTfóbicas, tanto do ponto de vista cultural, quanto do ponto de vista intelectual.

Os capitais culturais presentes, produzidos e difundidos nesta ciência foram engessadas e enclausurados principalmente no tocante as subárias da Educação Geográfica, quanto ao Ensino de Geografia, tornando escassas, às discussões culturais e homossexuais.

As Instituições de Ensino Superior do país, possuem certas responsabilidades nestes trâmites, pois são gerenciados e compactados por pesquisadores, professores, discentes e especialistas acadêmicos, providos por diretrizes positivistas, alterando a essência central dos estudos e pesquisas sociais, aos quais não estão centralizados apenas nas categorias geográficas (Lugar, Paisagem, Território, Região e Espaço Geográfico), mas internalizadas nos elementos corpóreos, ou seja, nas análises e pesquisas sobre o corpo.

Este “elemento” investigativo, pouco é valorizado nas diversas áreas que compõem a Ciência Geográfica, por vezes, é menosprezados pela própria academia, tornando-as “inadequadas” para as suas pesquisas, sendo amplamente transmitidas e difundidas pelas Ciências Sociais. Como na: Sociologia, História, Filosofia, Antropologia, Ciência Política, Psicologia Social e afins.

As vozes deviantes destes corpos, são paulatinamente analisados e descritos, apontado sobre as “verdades” dos mesmos e dos caminhos percorridos por estas corporeidades identitárias e culturais.

Os corpos homossexuais outros, a serem vislumbradas enquanto *lócus* investigativo, não só contribuem para as ampliações dos diálogos sobre as sexualidades na Ciência Geográfica, mas oportunizaram, novas e fluidas pesquisas que priorizem os corpos dissemelhantes, travestis e transgêneros como princípios especulativos.

Por fim, e não antagônico as pesquisas sobre sexualidades na Geografia, tentamos abordar nos aportes teóricos da pesquisa, contribuições analíticas do campo das Sexualidades, presentes dentro e fora das academias, examinando as suas produções científicas, como fontes possíveis para as ampliações dos referenciais bibliográficos contidas nesta pesquisa reflexiva.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Pesquisa (auto)biográfica** – tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. P. 201-224.
- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BORGES, R. A. C. **A temática da identidade**: diferença como possibilidade na Geografia escolar. Florianópolis, 2018.
- BUTLER, J. P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade/ 15º ed. Judith Butler; tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, 2017.
- BRITZMAN, D. **O que é esta coisa chamada amor?** Educação e realidade, 1996.
- CALLAI, H. C. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. Porto Alegre, 2009.
- COLLING, L. **Stonewall 40 + o que no Brasil?**. Salvador: EDUFBA, 2011.
- DELORY-MOMBERGER, C. Fundamentos Epistemológicos da Pesquisa Biográfica em Educação. **Educação em Revista** | Belo Horizonte | v.27 | n.01 | p.333-346 | abr. 2011.
- DÍAZ, M. , Docentes e discursos pedagógicos. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Liberdades reguladas**. 2005.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FOUCAULT, M. **A história da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro. 8ª Edição, 1998.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. 17ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2024.
- GREEN, J. N; POLITO, R. **Frescos trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870- 1980). Rio de Janeiro, 2006.
- HALL, S. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, 2007.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª edição. Rio de Janeiro, 2015.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática libertadora. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- JOSSO, M. C. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Porto Alegre/RS, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

LOPES, J. J. M.; FERNANDES, M. L. B. A criança e a cidade: contribuições da Geografia da Infância. **Educação**, v. 41, n. 2, 17 set. 2018.

LOURO, G. L. *et al.* **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MAKNAMARA, M. Rastreando eticamente indícios da constituição de educadores/as ambientais em narrativas docentes. In: Maria Inês Petrucci-Rosa, Ana G. Souza Seal, Paola F. G. M. de Oliveira (Orgs.). **Práticas curriculares e narrativas docentes**. Campinas: Pontes, 2022b.

MAKNAMARA, M. Pesquisas (auto)biográficas e subjetivação de professores de ciências. **Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 23, n. 37, 2024.

MOTT, L. **Cúpidos na sala de aula**: pedofilia e pederastia no Brasil Antigo. São Paulo, 1989.

OLIVEIRA NETO, I. S. **Vivências docentes de professores gays e lésbicas no Ensino de Geografia em escolas de Educação Básica**. Dissertação de Mestrado. Curso: Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

PERES, L. M. V.; EGGERT, E.; KUREK, D.L. (orgs.). 2009. **Essas coisas do imaginário**: diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras. São Leopoldo/Brasília, Oikos/Liber Livro, 198p.

PINEAU, G.; MICHÈLE, M. **Produire sa vie**: autoformation et autobiographie. Paris: Saint Martin, 1983.

SILVA, Ana Tereza Reis da. **Ecoformação**: reflexões para uma pedagogia ambiental, *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 18, p. 95-104, jul./dez. 2008. Editora UFPR.

SILVA, J. M. **Os desafios para a expansão da geografia das sexualidades no Brasil e os limites do diálogo científico internacional**. In: Espaço, gênero e feminilidade iberoamericanas. Paraná: Toda Palavra, 2010.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. **A visibilidade e a invisibilidade feminina na pesquisa geográfica**: uma questão de escolhas metodológicas. 2016.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3ª edição. Belo Horizonte, 2017.